

Cronicamente inviável: a aposta crítica foucaultiana, a adesão à catástrofe neoliberal e os rumos da educação

Chronically unfeasible: the foucauldian critical position, adherence to the catastrophe neoliberal, and the future of education

Crónicamente inviable: la apuesta crítica foucaultiana, la adhesión a la catástrofe neoliberal y las direcciones de la educación

Lucas de Oliveira Carvalho¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Email: lucas.historiando@gmail.com

Como citar: Carvalho, L. O. (2026). Cronicamente inviável: a aposta crítica foucaultiana, a adesão a catástrofe neoliberal e os rumos da educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 19(38), e25492. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v19i38.25492>

RESUMO

Este ensaio parte de uma questão ampla: como a atual quadra histórica marcada pelo colapso em diversas frentes, produz uma tendência de adesão no lugar de um movimento de recusa aos atuais modos de vida? Para compreender esse problema, como campo de análise, faço uma discussão em torno da educação e da aposta do projeto crítico de Foucault. Investigo, primeiramente, o alicerce de uma aposta ético-política que, ao recusar aquilo que nos tornamos, torna factível a criação de outras formas de viver e como a educação foi um lugar de disputa das direções e das expectativas sobre o futuro das sociedades modernas. Em seguida, discuto como essa aposta foucaultiana foi absorvida e transformada atualmente em instrumento de adesão voluntariosa no interior do neoliberalismo e como isso se reflete na educação. Inspirado em uma ontologia crítica de nós mesmos, pretendo refletir sobre as formas de sujeição e de opressão de nosso tempo no intuito de que as condições de possibilidade para a superação desses impasses voltem a existir.

Palavras-chave: Educação. Foucault. Atitude crítica. Diagnóstico do tempo presente. Neoliberalismo.

ABSTRACT

This essay begins with a broad question: How does the present historical moment—marked by multiple and intersecting forms of collapse—produce a tendency toward conformity rather than resistance to prevailing modes of life? To address this question, the essay examines education alongside the central tenet of Michel Foucault's critical project. It first explores the foundations of an ethical-political stance that, through the rejection of what we have become, opens the possibility of creating alternative ways of living. It then considers how education has historically functioned as

a contested site in shaping the directions and expectations of modern societies. The essay subsequently argues that this Foucauldian orientation has been appropriated and transformed into a mechanism of voluntary adherence within neoliberal rationality, a process that is also reflected in contemporary educational practices. Drawing on a critical ontology of ourselves, the essay reflects on the forms of subjectivation and domination characteristic of the present in order to reconsider the conditions of possibility for overcoming these historical impasses.

Keywords: Foucault. Critical attitude. Diagnosis of the present. Neoliberalism.

RESUMEN

Este ensayo parte de una pregunta general: ¿cómo influye el período histórico actual, marcado por el colapso en varios frentes, en una tendencia hacia la adhesión en lugar de un movimiento de rechazo a las formas de vida actuales? Para comprender este problema como campo de análisis, hablaré sobre la educación y las implicaciones del proyecto crítico de Foucault. En primer lugar, investigo los fundamentos de una apuesta ético-política que, al rechazar lo que nos hemos convertido, posibilita la creación de otras formas de vida, y cómo la educación ha sido un espacio de disputa sobre las direcciones y expectativas con respecto al futuro de las sociedades modernas. A continuación, analizo cómo esta apuesta foucaultiana ha sido absorbida y transformada en un instrumento de adhesión voluntaria dentro del neoliberalismo, y cómo esto se refleja en la educación. Inspirado por una ontología crítica de nosotros mismos, pretendo reflexionar sobre las formas de subyugación y opresión de nuestro tiempo, para que vuelvan a existir las condiciones de posibilidad para superar estos obstáculos.

Palabras clave: Educación. Foucault. Actitud crítica. Diagnóstico de la actualidad. Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

No final dos anos 1970, Michel Foucault define com maior exatidão seu projeto crítico. De forma estratégica, vê a necessidade de construir uma atitude crítica capaz de enfrentar as questões da época ao passo que enquadra suas pesquisas no interior de uma ontologia histórica de nós mesmos. Essas movimentações fazem parte da elaboração de uma aposta ética e política dentro do projeto crítico foucaultiano. A reflexão sobre a atualidade e a produção de uma atitude crítica ambicionam criar as condições necessárias à recusa daquilo que nos tornamos para, daí então, abrir espaço à criação de outros modos de vida fora dos mecanismos de assujeitamento que nos envolvem (Foucault 2025a; 2000).

Passadas algumas décadas das proposições de Foucault, talvez nunca tenha sido tão urgente o exercício da recusa em um mundo que beira ao colapso em várias esferas, da política à econômica, da esfera humanitária à ambiental, à educacional etc. Em contrapartida, o que se vê é uma troca de sinais. A urgência da recusa se transformou em adesão na atual era de emergência. Essa adesão é efeito de décadas de investida neoliberal e do aprofundamento da crise estrutural do capitalismo, os quais minaram nossas capacidades imaginativas e nossas expectativas de futuro (Fisher, 2020). Adesão no lugar da recusa, sobrevivencialismo no lugar da experiência da vida vivida refletem, portanto, a cristalização da crença de que não há alternativas a esse mundo.

Para não dar a entender que falo de algo abstrato, cito alguns exemplos que ilustram esse momento. Segundo o Grupo Krisis (2020), da Terceira Revolução Industrial em diante, a inserção da ciência e da microeletrônica no processo produtivo tornou dispensável o uso de trabalho vivo dentro da produção capitalista. Esse fenômeno foi responsável pela crise da sociedade do trabalho e, conseqüentemente, pelo atual estágio de colapso do capitalismo. Todavia, no momento em que é dada a oportunidade histórica de nos livrarmos das formas de vida mediadas pelas relações capitalistas, nunca quisemos tanto fazer parte desse mundo que não cessa de desmoronar.

Um outro exemplo diz respeito ao avanço tecnológico e à crença em seu poder emancipatório. Dadas as coisas como estão, é crível que está em execução um capitalismo de terra

arrasada. No elã do hiperconsumo, da hiperexploração e da radicalização neoliberal, a tecnologia, as redes sociais, a internet, as inteligências artificiais de toda ordem funcionam como instrumentos de incitação contínua. O resultado disso é a aceleração da destruição material do mundo por meio da exploração de minerais raros, de fontes de energia e de água necessários à manutenção da fome sem fim do consumo e da indústria 4.0 (Crary, 2023). Ainda assim, aderimos cegamente a esses mecanismos como se representassem, nas palavras de Han (2020), um tipo de segundo Iluminismo.

Um terceiro e último exemplo refere-se aos efeitos do neoliberalismo e da crença inverossímil no espírito empreendedor. Richard Sennett (2019) já nos alertara como, no mundo da concorrência neoliberal e empreendedora, em algum momento nos depararemos com a figura do fracasso. Em todo caso, em vez da recusa, observa-se que os indivíduos investem constantemente suas forças na tentativa de mostrar a si mesmos e aos seus concorrentes que ocuparão um lugar distinto daquele do *loser*.

No interior da educação, também é possível observar um cenário que não está descolado do paradigma do tempo presente e das complexidades da dinâmica social contemporânea. Historicamente, a educação ocupou um papel fundamental no cuidado e no preparo para que os indivíduos pudessem assumir papéis de cidadão e funções no mundo do trabalho dentro das sociedades modernas capitalistas (Petitá, 1994). Educação, nesse sentido, sempre foi sinônimo de progresso e sempre alimentou a expectativa de novos horizontes, de novos futuros. Essa situação passa a se inverter com o processo de crise estrutural do capitalismo e as primeiras investidas neoliberais na educação.

Antes o que era um direito e uma garantia de um futuro acessível, agora, sob um viés neoliberal, torna-se uma mercadoria e um instrumento de disputa no mercado concorrencial (Laval, 2019). A presentificação da educação segue apostando no discurso histórico que promete futuro e progresso. Mas esse discurso serve apenas para justificar a adesão às práticas neoliberais em um tempo em que o futuro se mostra cada vez mais inviável.

Os efeitos disso aparecem de diversas formas. Em 2024, segundo dados do IBGE, 8,7 milhões de jovens entre 14 e 29 anos não completaram o ensino médio por abandonarem os estudos. Dentre os motivos para o abandono, 53,3 % alegam necessidade de trabalhar. Em segundo lugar, com 26,9%, alegam desinteresse nos estudos (Basilio, 2025)¹. Ainda segundo o IBGE, notou-se uma piora no quadro da saúde mental dos adolescentes. 42% dos alunos entrevistados disseram se sentir irritados, nervosos por qualquer motivo. Outros 18,5% acreditam de alguma forma que a vida não vale a pena ser vivida (Freire, 2026)². Esses dados explicitam não só a crise da educação, mas o esgotamento de seu imaginário político como agente transformador.

Essa inversão de sinal, na qual a adesão a esse mundo em crise se sobrepõe à recusa, torna cronicamente inviável, para usar aqui o nome do filme do diretor Sérgio Biachi³, que inspira o título desse ensaio, a invenção de outros modos de vida, de outras estratégias e táticas de luta que possam se opor e superar a nossa condição existente. No filme, Biachi traz o retrato de um Brasil cindido, fraturado entre uma parcela de incluídos que busca sustentar seus status e privilégios a todo custo e uma outra parte de excluídos que tenta sobreviver à barbárie e à brutalidade da miséria, da precarização do trabalho, da invisibilidade social, da violência racial e policial do Estado brasileiro (Cronicamente Inviável, 2000).

A obra de Biachi é a expressão do diagnóstico de nosso tempo. É a moldura viva que expõe como as capacidades de recusa e de transformação profunda da nossa realidade foram interditadas

¹ As informações podem ser acessadas em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/87-milhoes-de-jovens-brasileiros-abandonaram-ou-nunca-frequentaram-a-escola-mostra-ibge/>. Acessado em 16 junho 2026.

² As informações podem ser acessadas em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes>. Acessado em 16 junho 2026.

³ Cronicamente Inviável. Direção: Sérgio Bianchi. Mapas Filmes, 2000.

(Cronicamente Inviável, 2000)⁴. Nesse sentido, a fratura e a dissolução da sociedade brasileira, tão bem abordadas no filme, são efeitos de algo mais global e profundo. São efeitos, portanto, de um tempo histórico em que a vitalidade ética e política foram esterilizadas e em que a expectativa de um futuro luminoso só pode ser realizada na forma da presentificação da barbárie (Arantes, 2014).

O que emerge de tudo isso como única alternativa possível é uma adesão sobrevivencialista às condições de vida existentes (Lasch, 1983; Han, 2020). Essa forma de adesão, longe de qualquer exercício de superação, pode apenas retardar os efeitos da barbárie e do processo de decomposição social. Se o prognóstico de nosso tempo não é dos mais animadores, por que, então, a capacidade de recusar aquilo que nos tornamos, como propôs Foucault (2025a;2000), não está presente em nossos horizontes de expectativas? Afinal, o que tornou inócuo o ato da recusa como uma estratégia de enfrentamento e de superação das formas contemporâneas de opressão? Pode a educação cumprir algum papel na disputa por outros mundos possíveis? Essas são algumas das questões sobre as quais procurarei me debruçar neste ensaio.

Em um primeiro momento, abordarei como e em qual contexto Foucault começou a delinear de forma mais explícita seu projeto crítico. A partir dos estudos sobre a governamentalidade, a construção de uma atitude crítica e de um diagnóstico do tempo presente, discutirei como o projeto crítico foucaultiano fez uma aposta ética e política pautada na recusa daquilo que nos tornamos como uma forma de abrir os horizontes para outros modos de vida possíveis. Associado a essa questão, discutirei como a educação se constituiu como um poderoso dispositivo de governamentalidade e foi lugar de disputa por caminhos que apontassem em outra direção daqueles já estabelecidos pela ordem vigente.

Em um segundo momento, analisarei como as investidas neoliberais, no interior da exploração capitalista das últimas décadas, minaram as apostas da crítica foucaultiana. Discutirei como a transformação da radicalidade da recusa em adesão voluntariosa a um mundo em colapso é o resultado do encurtamento das expectativas de futuro e da imposição de um modo de vida sobreviencialista e como isso atinge o lugar estratégico da educação. Em um momento final, buscarei refletir como o bloqueio da capacidade de recusa danifica também nossa capacidade de imaginar aquilo que ainda não somos, mas podemos ser.

GOVERNAMENTALIDADE, ATITUDE CRÍTICA E DIAGNÓSTICO DO TEMPO PRESENTE: A EDUCAÇÃO E UMA POSSIBILIDADE ÉTICO-POLÍTICA DE RECUSA DAQUILO QUE NOS TORNAMOS

Foucault opera uma série de transformações em sua genealogia do poder no final dos anos 1970. Fruto das revisões e correções em seus estudos, o conceito de governamentalidade surge como uma tentativa de sanar as lacunas até então aparentes. Junto a isso, nesse mesmo período, começa a melhor sistematizar seu projeto crítico em torno da ideia de atitude crítica e de diagnóstico do tempo presente (Lemke, 2017; Senellart, 1995). Da interação entre esses conceitos, surge no pensamento foucaultiano uma aposta ética e política pautada na recusa daquilo que nos tornamos como um meio para produzir uma transformação radical da sociedade. Discutirei, a seguir, de forma mais detida, as condições de possibilidade que impulsionaram o aparecimento dessa nova aposta no pensamento de Foucault, bem como suas implicações e seu legado para a atualidade e para a educação.

Em meados dos anos 1970, a analítica do poder de Foucault se concentrou em compreender as relações estratégicas e as positivações do poder no interior das sociedades modernas. Esse campo de investigação encontrou sucesso parcial. No interior desses estudos, foram verificados pelo menos dois problemas teóricos. O primeiro estava relacionado à dificuldade de explicar as possibilidades de consensos e de estabilização das relações de poder. Para além da analítica da

⁴ Cronicamente Inviável. Direção: Sérgio Bianchi. Mapas Filmes, 2000.

produtividade de corpos dóceis e disciplinados, existia um entrave para assimilar os processos de subjetivação (Lemke, 2017).

Já o segundo problema se relacionava à negligência em relação à amplitude das múltiplas articulações e estratégias das relações de poder. Problema, portanto, dos limites da microfísica do poder. Ainda nesse contexto, destacam-se as críticas que Foucault recebeu de outros pensadores, Jürgen Habermas, talvez o principal deles. Foucault foi acusado de conceber uma visão do poder, na qual a forma como ela era estabelecida impossibilitava imaginar qualquer forma de superação (Lemke, 2017). Afinal, se tudo é poder e se o poder é algo dado, perguntavam seus críticos, por que e para que deveríamos então resistir?

Ao iniciar os estudos sobre a governamentalidade, Foucault procurou oferecer uma resposta a esses questionamentos. Dessa forma, entende-se por governamentalidade:

o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem como alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder de soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado” (Foucault, 2023, p.146).

O processo de racionalização e de governamentalização do Estado, iniciado no século XV, atingindo seu ápice no século XVIII, relaciona-se também com as formas de subjetivação e de constituição do sujeito moderno. Com isso, a analítica do poder ganha uma dimensão mais ampla e complexa. Como bem afirma Lemke (2017, p.31): “A noção de poder não está ligada às capacidades de atores individuais, mas às complexidades das relações sociais, e à constituição de campos de possibilidade”. O poder agora será interpretado em seus aspectos individualizantes e totalizantes, em suas formas de dominação e de resistência, em seus confrontos, crises e em sua capacidade de produzir novos consensos, novos modos de moldar a forma de viver, de pensar e de agir (Foucault, 1995). Afinal, as relações de poder exercidas como governo dos homens são “um modo de ação sobre as ações dos outros” (Foucault, 1995, p.244).

Em meio às investigações dos processos de governamentalização, principalmente, debruçado sobre a questão referente a como não ser governado demais, Foucault, em uma série de textos, começa a definir de forma mais explícita o que seria seu projeto crítico, bem como suas apostas teóricas-políticas. De imediato, é possível observar um giro em direção ao pensamento kantiano. Em textos como “O que é a crítica (1978)” e nas “aulas de 05 de janeiro de 1983” do curso “O governo de si e dos outros (1982-1983)”, Foucault (2010; 2025a) retorna a Kant para debater questões ligadas aos contornos do seu projeto crítico, à revolução e ao esclarecimento no intuito de afirmar sua filiação a uma tradição do pensamento crítico preocupada com as questões que envolvem a atualidade e a compreensão daquilo que fez ser o que somos hoje.

Entretanto, é preciso deixar claro que o retorno de Foucault a Kant não visava uma adesão completa ao seu projeto crítico. Se a crítica kantiana se preocupava em mostrar os limites possíveis para o uso correto da razão, Foucault, ao contrário, vai inverter esse processo. Para Foucault, a crítica não deveria se preocupar em estabelecer limites, mas, sim, em tensionar e criar as condições de ultrapassagem rumo a outros modos de vida possíveis (Sennellart, 1995).

A articulação da analítica das formas de governo junto à formação de uma atitude crítica e à concepção de um diagnóstico da atualidade ganha sentido político quando almeja a transformação radical das formas existentes de vida. Essa aposta de Foucault (2025a), antes, implica um outro movimento. Antes da ultrapassagem das condições existentes, a formação de uma atitude crítica e o diagnóstico do tempo presente devem impulsionar a coragem da recusa dos atuais regimes de poder que orientam a maneira como vivemos e nos relacionamos com nós mesmos e com os outros.

Em 27 de maio de 1978, Foucault (2025a) faz uma conferência à Sociedade Francesa de Filosofia intitulada “O que é a crítica”. Ao debater sobre as questões que envolvem o *Aufklärung*, a noção de crítica aparece aqui como uma continuidade do debate travado por Foucault (2023) em “Segurança, território e população (1977-1978)” a respeito do conceito de governamentalidade. Nesse contexto, a noção de crítica é definida da seguinte forma: “[...] ela é instrumento, meio para um porvir ou uma verdade que ela não conhecerá e não será, ela é um olhar sobre um domínio que deseja policiar e no qual não é capaz de fazer lei” (Foucault, 2025, p.27). Arelada aos processos de governamentalização, a crítica aqui pode ser caracterizada de forma geral como “a arte de não ser governada demais” (Foucault, 2025a, p.30).

A crítica para Foucault (2025a) não compõe apenas o terreno das abstrações ou o campo das ideias. Ela se constrói como uma prática ética e política que se insurge e rejeita os excessos, os abusos e as formas de submissão, de um lado. Enquanto de outro, luta contra a inércia, a cegueira e a covardia, a favor do despertar. Ela se forja como uma atitude, uma atitude crítica. Diz Foucault (2025a, p.33): “a crítica é a atitude de colocar em questão o governo dos homens, entendido como o conjunto dos efeitos combinados de verdade e de poder, e isso na forma de um combate que, a partir de uma decisão individual, dá-se o objetivo de salvar uma totalidade”.

A crítica elaborada como uma atitude produz um chamamento à coragem. Esse chamamento, embora ainda não se mostre de forma mais explícita nessa conferência, refere-se não somente ao enfrentamento das formas de sujeição, ou à necessidade de um novo despertar, mas, fundamentalmente, refere-se à coragem da recusa radical daquilo que nos tornamos (Foucault, 2025a). A aposta política de Foucault (2025a) nesse tipo de recusa, já inserida nessa noção de atitude crítica, ganhará contornos mais elaborados quando a ideia de uma ontologia de nós mesmos for melhor desenvolvida já a partir das primeiras aulas do curso “O governo de si e dos outros (1982-1983)”.

Nas “aulas do dia 05 de janeiro de 1983”, Foucault (2010) diz acreditar que o pensamento de Kant deixou duas tradições críticas. A primeira estaria relacionada a uma analítica da verdade. Ou seja, estaria preocupada em descobrir os fundamentos que tornaram um determinado saber verdadeiro ou não. Já a segunda tradição traria uma inovação ao pensamento filosófico. Pela primeira vez, a filosofia estaria preocupada com a atualidade, com aquilo que nós somos hoje. Problema, portanto, de diagnóstico do presente, da produção de uma ontologia de nós mesmos. Será a essa segunda tradição que Foucault se vinculará:

E me parece que a opção filosófica com a qual nos vemos confrontados atualmente é a seguinte. É preciso optar ou por uma filosofia crítica que se apresentará como uma filosofia analítica da verdade em geral, ou por um pensamento crítico que tomará a forma de uma ontologia de nós mesmos, de uma ontologia da atualidade. E é essa forma de filosofia que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche, Max Weber, etc., fundou uma forma de reflexão à que, é claro, eu me vinculo na medida em que posso (Foucault, 2010, pp. 21-22).

Ao filiar-se a essa tradição crítica, Foucault (2025b) tinha um objetivo bem determinado. A elaboração de um diagnóstico do presente, por meio de uma investigação histórico-crítica, pretendia compreender estrategicamente quais as condições de possibilidade para a formação

daquilo que nós somos hoje. Almejava-se, assim, analisar qual sentido as pessoas davam a suas próprias condutas e quais modelos se estabeleciam mediante a interação entre diferentes instituições, saberes, práticas e relações de poder.

Nesse sentido, é preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos:

[...] não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula: é preciso concebê-la como uma atitude, um ethos, uma via filosófica em que a crítica do que nós somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível (Foucault, 2000 p. 351).

Fica claro aqui como o diagnóstico do presente se acopla à atitude e ao projeto crítico foucaultiano. Assim como na construção de uma atitude crítica, a formulação de uma ontologia crítica de nós mesmos, mais do que a explicitação dos limites daquilo que nos tornamos, vislumbra estrategicamente as possibilidades de ultrapassagem.

Nesse contexto, a educação é um campo de análise fundamental em que é possível observar tanto os padrões globais de governamentalização e condução das condutas, quanto os pontos de ruptura e estabelecimento de outros modelos. De modo geral, o projeto educacional moderno se justifica por se mostrar como um estratégico dispositivo de governo na condução e no enquadramento das populações aos valores modernos, liberais e capitalistas. Muito provavelmente, sem a educação, o tripé cidadania, nação e trabalho não se sedimentaria e não sustentaria as novas formas de sociabilidade no interior dos estados modernos (Nogueira-Ramirez, 2010).

A pauta da educação, do final do século XVIII em diante, coincide com o aprimoramento da sociedade. Sua missão, dirá Kant (1999), será a de conduzir os homens dentro de um processo civilizador em que seja possível desenvolver a humanidade e a autonomia dos indivíduos para poderem encontrar a liberdade, o progresso e manter a convivência pacífica segundo os limites e as normas estabelecidas. “O homem é o que a educação faz dele” (Kant, 1999, p. 08). E é por isso que ela será um dispositivo de governo poderoso e se confundirá com o próprio projeto moderno (Silva, 1995).

Entretanto, a concepção de uma educação crítica enxerga o processo educacional como um ponto de ultrapassagem da atual condição existente. É o caso de Adorno (2021), por exemplo, quando em “Educação após Auschwitz” propõe que a educação deve assumir um lugar estratégico na luta emancipatória contra a barbárie e à amplificação do fascismo. É a tarefa crítica que também assume os estudos foucaultianos da educação quando analisam as próprias práticas educacionais e pedagógicas como forma de dizer o que a educação é hoje para poder assim estabelecer práticas diferentes das atuais (Veiga- Neto, 2007).

A crítica permanente da atualidade aposta na desvinculação das nossas capacidades em relação às intensificações do poder. Isso envolve, mais uma vez, a coragem da recusa daquilo que nos tornamos. Como bem afirmou Foucault (2000, p. 348): “ [...] ela não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer: mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos”.

Acredito que a atitude da recusa é condição necessária para a promoção da ultrapassagem dos limites que são impostos a nós na atualidade e para a abertura da criação de outras formas de existência. O projeto crítico foucaultiano, nesse sentido, deixa como legado, inclusive para a educação, algumas pistas para aprimorar estratégias de enfrentamento perante o permanente estado de intensificação da crise do mundo capitalista e neoliberal.

Entretanto, se Foucault faz um apelo à coragem da recusa ao constituir uma atitude crítica em sua permanente ontologia de nós mesmos, por outra via, não é essa a postura que prevalece em nossa atualidade. Mais do que a recusa daquilo que nos tornamos, hoje, um diagnóstico do

tempo presente deve se debruçar sobre as causas que têm nos levado à adesão a uma forma de existência fadada à barbárie e ao aprofundamento de formas catastróficas de vida. É o que discutirei um pouco a seguir.

A REVERSÃO DA APOSTA RADICAL NA RECUSA EM ADESÃO SOBREVIVÊNCIALISTA AO MODELO NEOLIBERAL E OS EFEITOS SOBRE A EDUCAÇÃO

Anteriormente, discuti como o projeto crítico foucaultiano, ao forjar uma atitude crítica junto a um diagnóstico do presente, abriu um campo de possibilidade para a recusa radical daquilo que nos tornamos e, conseqüentemente, para a construção de outros modos de vida possíveis, outras formas de relação consigo mesmo e com o outro, bem como a educação ocupou um lugar estratégico nesse processo. Todavia, seguindo o legado foucaultiano do questionamento permanente de quem somos nós hoje, faz-se necessário discutir os impactos dessa aposta estratégica da crítica de Foucault no contexto atual das relações de poder, marcada pela radicalização do neoliberalismo e pelo aprofundamento da crise da sociedade capitalista e do projeto educador.

De forma mais direta, gostaria de discutir as causas e os efeitos que neutralizaram, pelo menos em parte, as apostas éticas e políticas da crítica foucaultiana, bem como suas estratégias para superar as ordens de poder e as formas de viver existentes. Ou ainda de outro modo, gostaria de debater como a aposta na radicalidade da recusa se transformou em adesão voluntariosa e submissa a um modo de vida sobrevivencialista desprovido de qualquer alternativa de superação da ordem vigente.

De saída, é preciso ser direto, a vitória neoliberal abriu caminho para o desmonte e a contenção da radicalidade da crítica elaborada por Foucault. Fato contraditório, enquanto Foucault, no final dos anos 1970, procurava explicitar os caminhos e afinar suas apostas críticas. Nesse mesmo período, o capitalismo e o Estado de Bem-Estar Social agonizavam e viviam um momento de estagnação, acelerado crescimento da inflação e crescimento do desemprego (Gentili, 2012).

O neoliberalismo, nos anos 1980, surge como resposta à crise do capitalismo do modelo fordista, do Estado de Bem-Estar Social e a concorrência se estabelece como “a regra suprema e universal de governo” (Dardot; Laval, 2016, p.197). Diferente do que alguns pensavam, o processo de neoliberalização implicou na arregimentação do Estado, que passou a funcionar sob orientação de uma outra racionalidade pautada em princípios de eficiência, gestão e otimização (Dardot; Laval, 2016).

Essa nova razão governamental operou também transformações profundas no interior da sociedade e da vida dos indivíduos. Como bem afirmou Foucault (2022) no curso “O nascimento da biopolítica (1978-1979)”, a vitória neoliberal sacrificou a vida social para salvar o capitalismo em crise. Para isso, essa nova racionalidade alterou profundamente fundamentos e valores comuns que mantinham a sociedade coesa.

Uma das principais operações da estratégia neoliberal foi transformar valores, relações, interesses até então desinteressados, ou seja, aspectos da vida individual e coletiva que estavam fora da ordem e da mediação financeira, em instrumentos de acumulação de capital humano necessários à concorrência brutalizada de todos contra todos. A financeirização ampla e profunda da vida, impulsionada pelo neoliberalismo, fraturou laços coletivos e traços de solidariedade que faziam parte da sociedade em prol da modelação dos indivíduos em empresários de si mesmos (Foucault, 2022).

A educação é um dos lugares onde é possível verificar essa alteração radical da forma de vida societária. O projeto educador moderno se consolidou em meados do século XIX como um dispositivo estratégico fundamental para formar mão de obra para a indústria, como também para conceber indivíduos como cidadãos inseridos dentro de uma sociedade mediada por uma série de

normas e valores comuns a todos. A educação se constitui, portanto, como um direito, um bem comum (Gentili, 2012).

Na medida em que o emprego deixa de ser uma certeza dentro do capitalismo pós-fordista e as formas de gestão neoliberal avançam, a promessa integradora da educação não consegue mais se realizar. Saem de cena os aspectos comuns e coletivos da educação, principalmente aqueles que estimulavam o debate crítico e emancipatório, e aprofunda-se a mercantilização e a instrumentalização como campo de seleção, promoção de concorrência e dotação de capital humano para a obtenção de vantagens econômicas no mundo neoliberal (Gentili, 2012).

A neoliberalização da educação é causa direta da crise de seu lugar estratégico e traz uma amostra das modificações e de efeitos mais amplos dessa nova razão governamental sobre a sociedade. O enrijecimento do individualismo, a atomização da sociedade, o sentimento de vulnerabilidade permanente e o medo de ser descartado, além da brutalização da concorrência no mercado de trabalho e em amplos setores da vida, dão a dimensão daquilo que nós somos hoje. Nesse sentido, como forma de gerir esse amontoado de empresas individuais disputando espaço entre si, foi preciso consolidar a criação de uma sociedade paliativa ajustada a uma gestão psicopolítica (Han, 2021; 2020). Essas formas de mediação da governamentalidade neoliberal trarão consequências para a condução das condutas, assim como desafios à crítica e às formas de resistência a esses mecanismos de poder.

Em uma sociedade marcada pela constante incitação da concorrência neoliberal, o espaço para a dor e para a elaboração dos motivos e causas desses sentimentos precisa ser diluído. Byung-Chul Han (2021) afirma que, no mundo regido pela dinâmica neoliberal de exploração, a dor se torna um empecilho à fruição da produção e da superpositivação de suas estratégias de poder. Por isso, a dor precisa desaparecer, ou ser ressignificada, ou ainda ser arregimentada para o uso econômico.

A sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização [*wegzoptimieren*]. Ela não é compatível com o desempenho. A passividade do sofrer não tem lugar na sociedade ativa dominada pelo poder [*Können*]. Hoje se remove à dor qualquer possibilidade de expressão. Ela é, além disso, condenada a calar-se. A sociedade paliativa não permite avivar, verbalizar a dor em uma paixão (Han, 2021, pp.13-14).

A anestesia da dor se constrói como uma estratégia de condicionamento e adesão voluntária às exigências imanentes de uma sociedade do desempenho (Han, 2021). O lugar da crítica e do questionamento aos excessos desse modo de vida e das suas formas de submissão se reverte em uma espécie de conformação depressiva a este mundo. Ao mesmo tempo, perdemos do nosso horizonte ético-político a capacidade de encontrar maneiras de superar, de criar meios de ultrapassar essa realidade guiada pelo signo da pressão permanente por performance e resultado.

A arquitetura de uma sociedade paliativa atua como um dispositivo de estabilização e de contenção de qualquer forma de insurgência. A tentativa de expurgo da dor de nossas vidas retira de cena sua dimensão social, política e desvincula de si sua relação com as formas de dominação e de submissão. Com isso, reduz esse sentimento a uma lógica individualizada. O sofrimento perde sua dimensão social para ser reapropriado em uma esfera privatizada (Han, 2021).

Exemplos dessa estratégia paliativa de conformação às dinâmicas atuais do neoliberalismo aparecem na própria política e no papel que a psicologia desempenha nesse cenário. Na política, observamos como os regimes democráticos foram aos poucos capturados por uma prática neoliberal pautada na gestão empresarial, como se o debate público se restringisse a desempenho e números. O conflito e o confronto das contradições existentes foram substituídos por práticas instrumentais ascéticas, muitas vezes desconectadas da vida das pessoas, pautadas em consensos artificiais distantes do que deveria ser a luta política (Han, 2021).

Já a psicologia, sabe-se que ela desempenha um papel fundamental no interior da gestão das populações. A psicologia, como instrumento neoliberal, direciona suas práticas não para se ater ao sofrimento, mas para focalizar em questões preocupadas com o bem-estar, a felicidade e o otimismo. A dor, como um sintoma das formas de exploração e das contradições do capitalismo em nossa época, molda-se em um valor positivo, assume, por exemplo, o significado da resiliência (Han, 2021).

Nesse sentido, felicidade, bem-estar e medicalização se relacionam dentro do aparato de um psicologismo positivo que visa neutralizar a dor ou deslocá-la de seu caráter social (Han, 2021). Sobre essa relação, principalmente em relação à expansão medicamentosa, diz Han (2021, p.29):

A dor reflete rejeições socioeconômicas que se inscrevem tanto no psíquico como também no corporal. Analgésicos, prescritos em massa, ocultam relações sociais que levam à dor. A medicalização e a farmacologização impedem que ela se torne fala, sim, crítica. Elas tiram da dor o caráter objetivo, o caráter social. Com a insensibilização induzida medicinal ou medialmente, a sociedade paliativa se imuniza contra a crítica.

Psicologia positiva, medicalização, anestesia política, diversos são os dispositivos de criação de uma sociedade paliativa cujo resultado final, para além do expurgo da dor, envolve o bloqueio da crítica. De todo modo, a construção dessa saída paliativa como imposição da forma neoliberal de governar não seria exitosa sem uma estratégia psicopolítica na coordenação das ações sobre ações no interior dos dispositivos de poder neoliberalizantes.

A biopolítica, até o período fordista, era o tipo de poder que incidia sobre a vida das pessoas por meio do controle do corpo. Na atual fase do capitalismo pós-industrial, é a psicopolítica que exerce esse controle não mais sobre o corpo, mas sobre a psique. As formas de dominação e exploração do poder não se estabelecem mais de um exterior para um interior. Elas, agora, assumem uma forma de exercício intrapsíquico. Não é mais o domínio do corpo que está em jogo, mas, sim, a submissão da alma (Han, 2020). Diz Han (2020, pp. 30-31):

[...] o regime neoliberal se comporta como alma. Desse modo, a psicopolítica é sua forma de governo. Ela introduz o tempo todo uma rivalidade inexprimível como são emulação, como excelente motivação. A motivação, o projeto, a competição, a otimização e a iniciativa são inerentes à técnica psicopolítica de dominação do regime neoliberal.

Essa nova articulação do poder traz desafios e consequências diretas para o exercício da crítica e para a concepção de estratégias de resistência a esses mecanismos de dominação. A abertura de um ciclo de crise da ideia de liberdade se apresenta como desdobramento imediato dessa configuração psicopolítica de gestão. (Han, 2020).

Durante a modernidade, a noção de liberdade como a conhecemos foi erigida sempre ligada às lutas contra as formas de coerção e de dominação. A própria noção de indivíduo representava o último átomo que, diante de um contexto de imposição de uma submissão total, poderia restaurar a liberdade, consequentemente, os valores civis modernos. Não é mais essa lógica que opera perante a ordem neoliberal (Han, 2020). Como afirmou Han (2020, p. 09): “A liberdade terá sido episódica”.

Passou-se a acreditar que hoje somos projetos livres e estamos libertos das formas de sujeição de outrora. Nesse sentido, a ideia de liberdade como oposição às formas de dominação se perdeu no horizonte. A liberdade sob a ótica neoliberal assume um outro significado, um outro lugar estratégico no interior da sociedade. A psicopolítica neoliberal transforma a liberdade em uma maneira de exploração e de coerção. Ela agora é instrumento de incorporação da vida aos moldes da superexploração capitalista neoliberal (Han, 2020).

O capital se multiplica enquanto competimos livremente uns contra os outros. A liberdade individual é uma servidão na medida em que é tomada pelo capital para sua própria multiplicação. Assim, o capital explora a liberdade do indivíduo para se reproduzir [...]. A liberdade do capital se realiza por meio da liberdade individual (Han, 2020, p.13).

A crise e a nova configuração da liberdade dentro do regime neoliberal criam também impasses para a formulação da crítica e de formas de resistência. Talvez o principal impasse esteja ligado à própria noção de crítica e ao lugar estratégico que ela ocupa nos tempos atuais. Até então, a crítica parecia se manter ilesa, já que ocupava um lugar de exterioridade ao poder. Mas, perante a incursão de uma psicopolítica, a própria construção de um projeto crítico é contaminada pela ordem neoliberal. A crítica, bem como as apostas ético-políticas que derivam dela, não estão mais imunes, não se constituem mais como esse contraponto, como esse polo exterior ao poder (Hilário, 2015).

Nesse contexto, o projeto crítico foucaultiano também sofre os impactos das investidas neoliberais. Por exemplo, Foucault (2025a) faz um chamamento à construção de uma atitude crítica contra as formas de submissão. A concepção dessa atitude pressupõe uma coragem, uma vontade individual que deve se conectar a um “nós político”, a uma dimensão coletiva e comum. Entretanto, a lógica neoliberalizante enrijece o indivíduo por meio de excessos de toda ordem, enquanto o separa do contato social e da conexão com dimensões mais amplas e coletivas da vida. Esse movimento restringe a construção de uma atitude crítica, como também a torna, na medida em que é privada das conexões mais coletivistas, vulnerável à captura neoliberal.

Ainda sobre essa questão, quando Foucault trata das tecnologias de si, pensa em maneiras de produzir outras experiências, outras formas singulares de vida que escapem ao poder. Ele falará, por exemplo, da possibilidade de viver uma vida como uma obra de arte, ou como viver uma vida filosoficamente, etc. (Han, 2020). Foucault não alcançou os desdobramentos da política neoliberal. Caso tivesse acompanhado, teria visto como essa estratégia de governo intrapsíquica não rejeita, nem exclui a liberdade e seus modos singulares de ser e de estar no mundo. Pelo contrário, a governamentalidade neoliberal captura e engloba essas formas inventivas, aparentemente libertárias de vida, e as explora economicamente (Han, 2020).

No interior do próprio foucaultianismo, viu-se surgir o que se poderia chamar de uma direita foucaultiana. Essa corrente nega a posição antiliberal de Foucault e recusa a leitura de que ele teria feito uma crítica radical ao neoliberalismo. O aparecimento dessa corrente e desse tipo de apropriação do pensamento do intelectual francês é mais uma demonstração de como o seu legado crítico foi capturado e colocado em cena como meio não de recusar e superar a ordem vigente, mas como maneira de legitimar as práticas neoliberais (Hilário, 2024).

Esse adestramento das apostas da crítica foucaultiana relaciona-se ainda com a inauguração de um tempo histórico marcado pela emergência e pelo desaparecimento da capacidade de imaginar um tempo futuro diferente da atualidade existente. A entrada em um período de crise estrutural do capitalismo e a ascendência do neoliberalismo firmaram o início de uma era histórica caracterizada pela presentificação (Arantes, 2014).

Até mais ou menos o final dos 40 anos gloriosos do Estado de Bem-Estar Social europeu, era possível nutrir esperanças, ainda que dentro da ordem capitalista, de que o futuro seria diferente daquilo que se apresentava no presente. A ideia de um futuro luminoso ainda povoava o imaginário das gerações. Com a crise do fordismo e, posteriormente, com o colapso soviético, findou-se uma era de grandes expectativas históricas. O futuro, agora, apresenta-se como uma atualização de um presente que já existia. É como se o presente fosse empurrado para frente. Inaugura-se, assim, um tempo de um permanente estado de emergência em que o tempo histórico por vir não pode mais ser imaginado, apenas temido. (Arantes, 2014).

Como efeito colateral de um tempo histórico de expectativas decrescentes, é reduzido o campo de experiência da vida vivida. Se outrora as gerações experimentaram imaginar um outro

mundo possível, agora, a vida é reorientada sob um modo sobrevivencialista em que o sobreviver se sobrepõe ao viver (Han, 2021). “Hoje, a sobrevivência é absolutizada, como se nos encontrássemos em um estado permanente de guerra” (Han, 2021, p. 33).

Christopher Lasch (1983) compreende que essa perda da continuidade do tempo histórico, em que gerações estão empilhadas em um presente desconectado do passado, sem qualquer expectativa de futuro, é também expressão desse modo de vida sobrevivencialista. A ausência de alternativas faz com que a sobrevivência individual seja tratada como o único bem restante. Nesse sentido, o progresso é substituído pela autopreservação e pela manutenção das posições sociais em um mundo que colapsa em várias esferas da vida humana.

Esse modo de vida sobrevivencialista somado à ausência de alternativas para um futuro possível, nos impele a uma adesão dócil à realidade existente. Desaparece de vista a aposta na recusa daquilo que nos tornamos, defendida por Foucault, enquanto aderimos ao império do realismo capitalista. Segundo Mark Fisher (2020), o realismo capitalista é a constatação de que, em nosso tempo, não há qualquer alternativa ao modo de vida capitalista e neoliberal. Essa constatação é reflexo do esvaziamento das nossas capacidades imaginativas e da esterilização da crítica em um universo social que normaliza a vida perante a catástrofe.

Onde o realismo capitalista impera, é possível, por exemplo, que atitudes críticas anticapitalistas coexistam tranquilamente no interior do próprio capitalismo. Isso, para Fisher (2020), significa dizer que a atitude crítica, por exemplo, muito cara a Foucault, não atua mais como um ponto de tensão e de ruptura em relação à ordem vigente. Ao contrário, quando a lógica do valor e da mercadoria capturam a totalidade da experiência social, a crítica é reduzida a um item de consumo. A contraposição crítica ao capitalismo neoliberal mostra-se como uma espécie de analgésico moral que impulsiona o consumo de forma indolor.

Na educação, esse tipo de fenômeno é bastante reconhecido. Perante as investidas do neoliberalismo, a educação não atua tanto mais como um dispositivo de governo responsável por conduzir as massas rumo à autonomia, à felicidade e ao progresso. Sua função é garantir a sobrevivência em um mundo que, regido pela concorrência brutal, não titubeia em eliminar aqueles que vão ficando pelo caminho (Gentili, 2012). A educação, hoje, mais do que um dispositivo de governo, atua como um corpo burocrático que faz uma espécie de gestão da barbárie em um tempo sem futuro e sem as promessas que o próprio discurso educacional ainda insiste em alimentar.

Se outrora, foi travada a luta contra a apropriação e a incorporação dos gestos subversivos ao interior do sistema capitalista. Hoje, todo gesto de revolta é um gesto que já aparece esterilizado e pré-moldado às estruturas do capital (Fisher, 2020). Ao fim e ao cabo, as formas de subversão suprimiram o gesto da recusa daquilo que nos tornamos para reafirmar a manutenção do capitalismo neoliberal, transvestido de uma atitude crítica.

O realismo capitalista permitiu, contrariando Foucault, ser crítico e ao mesmo tempo aderir incondicionalmente e sem culpa à ordem vigente. A radicalidade da crítica como condição de ultrapassagem do modo como vivemos resultou, ao inverso, na radicalização e na extrapolação do próprio capital. Dessa forma, no momento em que as esperanças em um novo alvorecer foram minadas, Fisher (2020 p. 11) acertou quando disse que só “a esperança sem sentido faz sentido”.

CONCLUSÃO

Neste ensaio, busquei trazer algumas reflexões a partir do seguinte diagnóstico do tempo presente: vivemos em um tempo de crises generalizadas e, enquanto esse mundo rui sobre nossos pés, somos incapazes de fazer qualquer movimento de oposição e de recusa que questione os atuais modos de vida. Ao contrário, diante da falta de alternativas, nunca quisemos tanto fazer parte desse mundo em colapso.

A partir da concepção do projeto crítico foucaultiano, quis investigar e discutir como a radicalidade da crítica e a produção de suas apostas ético-políticas foram esterilizadas e, em grande

parte, absorvidas pela estratégia neoliberal em um sistema capitalista em crise. Junto a isso, busquei dialogar como a educação foi impactada por esses acontecimentos e como isso reorientou seus rumos.

Fiz uma incursão ao pensamento de Foucault para analisar quando ele delineou de forma mais precisa seu projeto crítico. Ao dizer que o que faz é crítica, Foucault (2025a) vincula seu pensamento no interior da luta política contra as formas de dominação e de opressão. A elaboração de uma ontologia de nós mesmos e a construção de uma atitude crítica estão inseridas nesse contexto. Refletir sobre a atualidade, saber o que nos tornamos, é condição necessária no pensamento foucaultiano para que se possa construir possibilidades de ultrapassagem dos modos de vida existentes, inclusive no campo educacional.

Entretanto, observou-se que a aposta radical, que fez Foucault na recusa daquilo que nos tornamos, foi neutralizada e absorvida pela gestão neoliberal da sociedade no bojo das transformações capitalistas ocorridas no final do século XX. A liberdade concebida como um dispositivo de coerção, a anestesia da sociedade como forma de eliminar a crítica, os conflitos referentes às contradições do capitalismo e às formas de exploração neoliberalizantes, a fratura do social, e o enrijecimento do indivíduo em sua roupagem empresarial, a concorrência generalizada, a reorientação da educação como instrumento de gestão da barbárie e a imposição de um modo de vida sobrevivencialista em um regime histórico de emergência permanente foram alguns dos aspectos analisados que evidenciam essa transformação da recusa radical em adesão voluntariosa ao presente.

Como já foi dito anteriormente, a crítica não está mais ilesa nesse momento de crise capitalista. Esse fato traz consequências e impasses profundos para o pensamento e o desenvolvimento de alternativas que possam superar as atuais formas de dominação. O esvaziamento da crítica reflete também o eclipse das alternativas de transformação do mundo. Diante desses impasses, acredito ainda que o desbloqueio da nossa imaginação ético-política, consequentemente, a desobstrução do futuro, só será possível se conseguirmos colocar em cena as causas e os motivos que nos levaram a essa situação presente. Nesse sentido, a crítica ainda pode atuar denunciando as formas de dominação e submissão de nosso tempo. Corroborando com o que digo, Fisher (2020) diz:

Como um número de teóricos radicais – de Brecht a Foucault e Badiou – já sustentaram, a política emancipatória precisa sempre destruir a aparência de uma “ordem natural”: deve revelar que o que nos é apresentado como necessário e inevitável é, na verdade, apenas contingente, e deve fazer com que o que antes parecia impossível seja visto agora como alcançável (Fisher, 2020, p.34).

Em “Cronicamente inviável”, os efeitos destrutivos que afligem seus personagens resultam da paralisia e da aceitação tácita de que já não há alternativas ou qualquer movimento de mudança para aquela sociedade que se esfacela (Cronicamente inviável, 2000)⁵. A impossibilidade de um desfecho positivo da obra de Biachi diz muito sobre nosso momento histórico e deveria soar como um alarme de emergência. Frente à incapacidade de vislumbrar outros modos de vida possíveis, perdemos a coragem de recusar aquilo que nos tornamos. Entretanto, sem recuperar essa capacidade da recusa, dificilmente se abrirá um horizonte de possibilidades para viver uma outra vida. Dificilmente será possível sair do permanente estado de emergência. A urgência da recusa, portanto, impõe-se como necessidade de primeira ordem perante o diagnóstico de uma adesão passiva em curso, fruto da crise do capitalismo neoliberal e da imposição de um realismo capitalista sobre nós.

⁵ Cronicamente Inviável. Direção: Sérgio Bianchi. Mapas Filmes, 2000.

Contribuições dos Autores: Carvalho, L.O.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: “Não aplicável”.

Agradecimentos: “Não aplicável”.

REFERÊNCIAS

- Arantes, Paulo (2014). O novo tempo no mundo: e outros estudos sobre a era da emergência. 1ªed. São Paulo (SP): Boitempo.
- Adorno, Theodor (2021). Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor, Educação e Emancipação. Tradução: Wolfgang Leo Maar. 3ªed. São Paulo (SP): Paz e Terra, p.129-149.
- Basilio, Ana Luiza (2025). 8,7 milhões de jovens brasileiros abandonaram ou nunca frequentaram a escola, mostra IBGE. *Carta Capital*. 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/87-milhoes-de-jovens-brasileiros-abandonaram-ou-nunca-frequentaram-a-escola-mostra-ibge/>.
- Crary, Jonanthan (2023). Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Tradução: Humberto do Amaral. São Paulo (SP): Editora Ubu.
- Cronicamente Inviável (2000). Direção: Sérgio Bianchi. Mapas Filmes.
- Dardot, Pierre.; LAVAL, Christian (2016). A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar - São Paulo: Boitempo.
- Freire, Tâmara (2026). IBGE alerta para quadro preocupante na saúde mental de adolescentes. *Agência Brasil*. 25 mar. 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes>.
- Foucault, Michel (2000). O que são as luzes? IN: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização: Manoel Barros da Motta. Tradução: Elisa Monteiro. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2025a). O que é a crítica. IN: FOUCAULT, Michel. O que é a crítica. Tradução: Claudio Medeiros; Ivan de Sampaio; João Francisco Gabriel; Mario Marino; Rafael Furtado. São Paulo: Editora Ubu.
- Foucault, Michel (2025b). A cultura de si. IN: FOUCAULT, Michel. O que é a crítica. Tradução: Claudio Medeiros; Ivan de Sampaio; João Francisco Gabriel; Mario Marino; Rafael Furtado. São Paulo: Editora Ubu.
- Foucault, Michel (2023). Segurança, território, população: curso dado no collège de france (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, Michel (2022). O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979). Tradução: Eduardo Brandão. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, Michel (2010). O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução: Eduardo Brandão – São Paulo (SP): Martins Fontes (coleção obras de Michel Foucault).
- Foucault, Michel (1995). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Humbert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, p.231-249.
- Fisher, Mark (2020). Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução: Rodrigo Gonsalves; Jorge Adeodato; Maikel da Silveira. 1ªed. São Paulo: Autonomia Literária.
- Grupo Krisis (2020). Manifesto contra o trabalho. Tradução: Javier Blank; Marcos Barreira, Krisis/Igra Kniga.
- Gentili, Pablo (2012). Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In: FRIGOTTO, Gaudêncio(org.). Educação e crise do trabalho. 11ªed. Rio de Janeiro (RJ): Vozes, cap.3, p.76-99.
- Han, Byung-Chul (2020). Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. 7ª ed. Belo Horizonte: Âyné.
- Han, Byung-Chul (2021). A sociedade paliativa: a dor hoje. Tradução: Lucas Machado. 1ªed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.

Hilário, Leomir (2024). A armadilha da estética da existência, ou a esquerda foucaultiana no labirinto neoliberal. *Argumentos - Revista De Filosofia*, v.16, n. esp., pp. 233-250. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/Argumentos.16.esp.92351>.

Hilário, Leomir (2015). Crítica contra a barbárie: a violência como sintoma da racionalidade instrumental. IN: COELHO, Daniel; CUNHA, Eduardo Leal (orgs.). *Saber e Violência*. São Cristóvão (SE): Editora UFS.

Kant, Immanuel (1999). *Sobre a pedagogia*. Tradução. Francisco Cock Fontanella. 2ªed. Piracicaba (SP): Editora Unimep.

Laval, Christian (2019). *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo.

Lasch, Christopher (1983). *A cultura do Narcisismo: a vida americana numa Era de esperanças em declínio*. Trad. Ernani Pavanelli, Rio de Janeiro (RJ): Imago Editora.

Lemke, Thomas (2017). *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Editora Filosófica Politéia.

Nogueira-Ramírez, Carlos Ernesto (2010). *Pedagogia e governamentalidade ou da Modernidade como uma sociedade educativa*. Autêntica Editora.

Pétitat, André (1994). *Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Tradução: Eunice Guman. Porto Alegre (RS): Artes médicas.

Senellart, Michel (1995). A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v. 7, nº1-2, pp. 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85117>.

Sennett, Richard (2019). *A cultura do novo capitalismo*. Tradução: Clóvis Marques. 7ªed. Rio de Janeiro (RJ): Record.

Silva, Tomaz Tadeu da (1995). O projeto educacional moderno: identidade terminal? In: Veiga-Neto, Alfredo. (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre (RS): Sulina, cap.9, p.245-260.

Veiga-Neto, Alfredo (2007). *Foucault & a educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido: 7 de julho de 2026 | **Aceito:** 10 de agosto de 2026 | **Publicado:** 27 de agosto de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.